

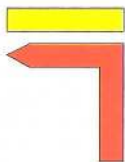
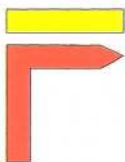
Parque Natural de Montesinho



Calçada

percurso pedestre

PR 7

Nome percurso pedestre da calçada**Localização** freguesia de Moimenta, concelho de Vinhais**Tipo de percurso** Pequena Rota (PR)**Âmbito do percurso** paisagem natural de montanha**Distância** 7272 m**Duração** 3 horas**Grau de dificuldade** médio**Cota mínima/máxima** 710 m/940 mCaminho
CertoCaminho
ErradoVirar à
EsquerdaVirar à
Direita**Amieiro***Alnus angustifolia*

- Siga as indicações da sinalização;
- Se tem especial interesse na observação de fauna, realize o percurso às primeiras horas da manhã ou ao entardecer;
- Faça-se acompanhar de guias de campo, nomeadamente de aves e de plantas, bem como de binóculos e de máquina fotográfica;
- Muna-se de calçado e vestuário adequados, de acordo com a época do ano, bem como de um cantil de água;
- Não faça fogo;
- Não recolha plantas, animais ou rochas;

percurso pedestre da Calçada



Vista geral da aldeia da Moimenta

O percurso que iremos seguir insere-se no limite setentrional da freguesia da Moimenta da Raia, oferecendo uma panorâmica da paisagem raiana que se abre acima da serra da Coroa, encravada em território espanhol.

É um percurso circular de cerca de 7 km que se desenvolve em função dos cursos do rio Tuela e, secundariamente, da ribeira da Anta, sua subsidiária. Antes de entrar nas encostas deste vale, decorre no vasto planalto que se estende a norte da povoação da Moimenta.

Posto I Miradouro



Vale do rio Tuela



Matos secos

O miradouro situa-se no rebordo nascente do vasto planalto em que se insere a povoação da Moimenta e que se prolonga para os termos das povoações espanholas vizinhas de Manzalvos, Cádavos e Castromil. É neste espaço, marcado pelos afloramentos graníticos que ao longo dos séculos têm sido objecto de exploração para cantaria, que se fixa a maior parte dos terrenos de cultivo. O coberto vegetal que se nos proporciona observar é constituído por matos, nome abrangente que caracteriza um revestimento essencialmente arbustivo, neste caso dominado por espécies como a giesta, a urze-alvarinha, a carqueja, o chargaço e o tomilho. A partir do miradouro, o alcance da vista estende-se do planalto ao vale do rio Tuela e à serra da Coroa, a sul. Nesse exercício, não será de excluir que o nosso olhar se prenda no voo de uma rapina: um milhafa, por exemplo. O percurso segue por desusado caminho de pé posto até ao fundo do vale do rio Tuela.

Posto 2

Rio Tuela e ponte do Couço

A passagem do rio Tuela faz-se pela ponte do Couço, construída na primeira metade do século XX. Numa observação atenta do fluir das águas não será difícil vislumbrar algumas trutas, sobretudo nos remansos. O rio nasce em Espanha e tem uma extensão de cerca de 100 km até se encontrar com o rio Rabaçal, dando origem ao rio Tua. No contexto deste percurso o rio corre por entre fragedo granítico, fazendo com que o vale seja aqui bastante encaixado. A galeria ripícola que o acompanha é composta, essencialmente, de amieiros, salgueiros e freixos, a que se juntam alguns choupos. É este o habitat da lontra e da toupeira-de-água, ou de aves ribeirinhas, como o melro-de-água.



Rio Tuela



Melro-de-água

Posto 3

Touças e soutos



Carvalhal



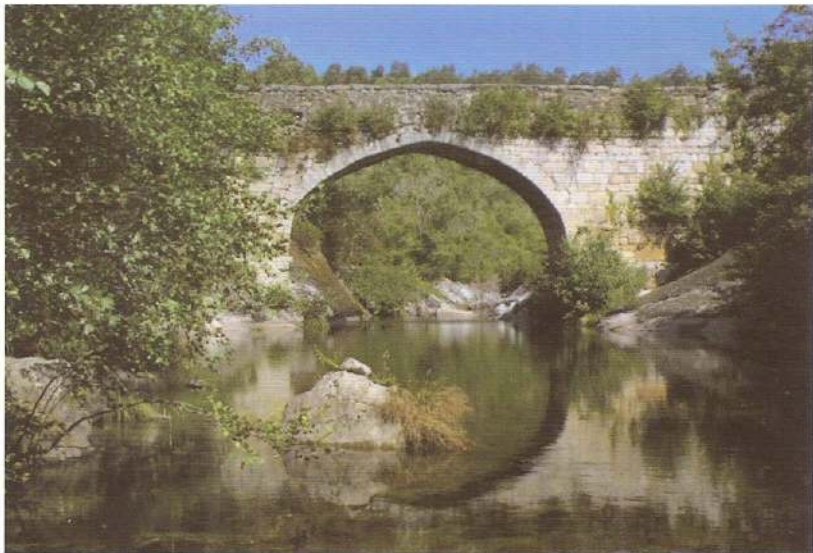
Castanha

Ultrapassado o rio, o percurso segue pelas encostas do Alto de Parada voltadas a norte, de caras para o rio Tuela, mais húmidas e frias, onde os solos não assumem protagonismo agrícola. Tornam-se aí expressivas pequenas matas de carvalhos, que na região são designadas pelo termo *touça*. Pela sua excelente adaptação às condições climáticas de perfil continental, é o carvalho-negral que impera, emprestando notável cromatismo à paisagem invernal quando ainda conserva as suas folhas secas presas nos ramos. Outra espécie arbórea que é presença quase constante ao longo de todo o percurso, e que nalguns casos substituiu áreas de carvalhal, é o castanheiro. Embora se vislumbrem árvores apartadas, a maioria forma manchas, ditas *soutos*, e para as gentes locais o seu valor reside essencialmente no aproveitamento anual do seu fruto.

Posto 4

Calçada e ponte d'Às Vinhas

A ponte d'Às Vinhas é uma obra de arte de técnica medieval, provavelmente dos inícios do século XVI, que integra um outrora importante caminho, calçado pelo menos no troço entre planalto moimentano e o rio Tuela, que ligava a fronteira das Carvalhas e a Moimenta às povoações que lhe ficavam a sudeste, alcançando Bragança, sede comarcal e concelhia em cuja dependência se encontrou a povoação da Moimenta e seu termo até às primeiras décadas do século XIX.



Ponte d'Às Vinhas

Posto 5

Lameiros da ribeira da Anta



Lameiros

Cruzando o rio Tuela pela segunda vez, e iniciando a subida da calçada, segue-se de perto o curso da ribeira da Anta. Nasce além da fronteira, no termo de Castromil, ladeia a povoação da Moimenta pelo poente, dirigindo-se depois ao rio Tuela, do qual é o principal afluente no seu troço moimentano. No fundo do pequeno vale, em ambas as margens, alinham-se lameiros de regadio, muitos deles em processo de abandono, aviventados pelas águas da ribeira da Anta, depois de represada e desviada por agueiras que a eles conduzem. Neste contexto, não será de estranhar a observação de espécies como o arminho ou o rato-dos-lameiros, ou o dom-fafe, bastante comum nos espaços ribeirinhos. Ao longo do caminho, se o dia for soalheiro, não será de surpreender a observação de répteis como o sardão ou a lagartixa, imobilizados sobre uma das lastras da calçada, mas desaparecendo à mínima percepção da presença humana, ou a cobra-de-escada na sua deslocação ondulante.

Posto 6

Cigarrosa



Canto de construção rectangular arruinada



Aspecto do derrube da muralha

A dada altura o serpentear da calçada é ditado pela necessidade de circundar um discreto esporão no qual se implantam as ruínas de um povoado fortificado da Idade do Ferro. O seu sistema defensivo é composto por uma linha de muralha, que circundaria todo o povoado, um torreão e, aparentemente, um fosso, voltados a Norte, o sector mais acessível. O caminho sobrepõe-se-lhe pelos lados sul e poente, pelo que numa observação atenta da calçada poderá descortinar o traçado de uma construção de planta rectangular nela integrada, idêntica a outras que trabalhos arqueológicos permitiram exumar.

Posto 7

Igreja matriz da Moimenta



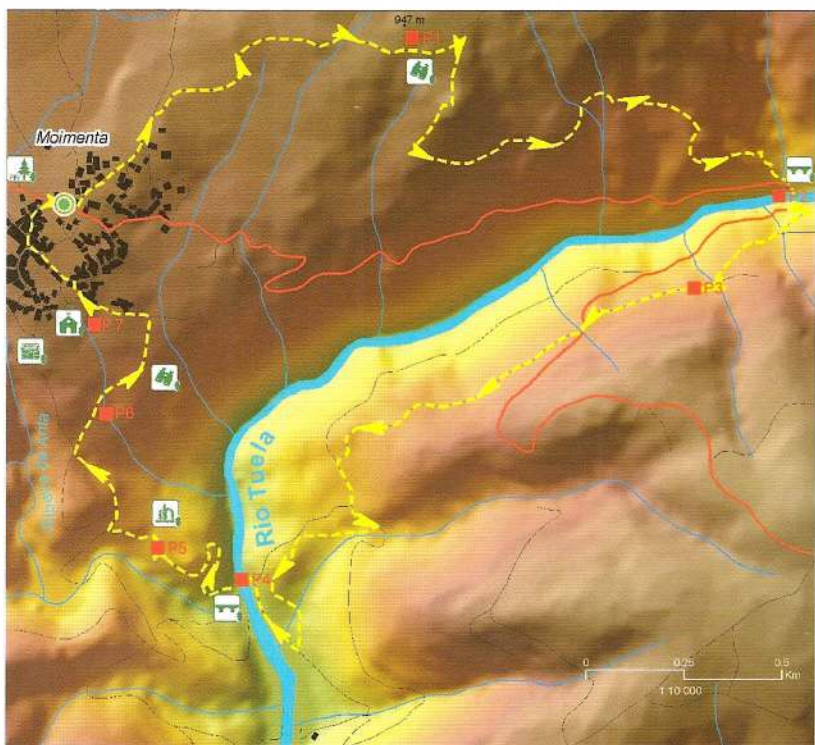
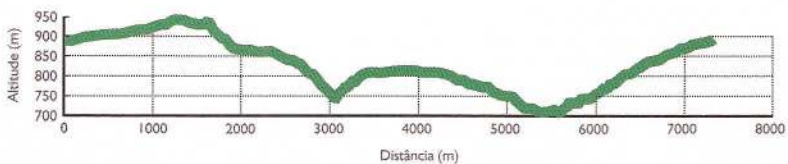
Igreja matriz da Moimenta

A aproximação à Moimenta decorre por entre leiras muradas, onde se fazem culturas de regadio, com destaque as hortícolas, como a batata e as hortaliças. Reentrando na aldeia, merece visita a igreja de São Pedro. Esta obra arquitectónica (IIP*) é resultado de intervenção levada a

cabo nos inícios do século XVIII, de inspiração maneirista e barroca, que a salienta no contexto da arquitectura religiosa da região vinhaense. O programa de reconstrução espelha-se bem na fachada principal, com corpo central rematado por balaustrada e flanqueado por robustas torres sineiras, acusando notória influência da Sé de Miranda do Douro. No interior, dividido em três naves separadas por arcos quebrados, destaca-se o fausto da capela-mor, com o seu retábulo de talha dourada (de transição para o barroco de *estilo nacional*), e a cobertura abobadada, com caixotões pintados nos quais se ilustram cenas da Paixão de Cristo. Terminada esta visita e o percurso, deixa-se à vontade do visitante a descoberta da própria aldeia, deambulando pelos seus arruamentos ladeados pelas fachadas de granito, apreciando o vernáculo da arquitectura, aqui e ali salpicado pela erudição trabalhada na dureza da pedra.

* Imóvel de Interesse Público

Perfil Altimétrico



Toupeira-de-água
Galemys pyrenaicus

